



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS - I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ROSINETE SALES GOMES CONFESSOR**

**COMPETÊNCIA LEITORA: O QUE DEVE FAZER A ESCOLA PARA FORMAR  
LEITORES COMPETENTES?**

**CAMPINA GRANDE  
2016**

**ROSINETE SALES GOMES CONFESSOR**

**COMPETÊNCIA LEITORA: O QUE DEVE FAZER A ESCOLA PARA FORMAR  
LEITORES COMPETENTES?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro.

**CAMPINA GRANDE  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C748c Confessor, Rosinete de Sales Gomes

Competência leitora [manuscrito] : o que deve fazer a escola para formar leitores competentes? / Rosinete de Sales Gomes  
Confessor. - 2016.  
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Moura  
Montenegro, Departamento de Educação".

1. Leitura 2. Leitor competente 3. Estratégias de leitura 4.  
Interpretação textual I. Título.

21. ed. CDD 372.4

ROSINETE SALES GOMES CONFESSOR

**COMPETÊNCIA LEITORA: O QUE DEVE FAZER A ESCOLA PARA  
FORMAR LEITORES COMPETENTES**

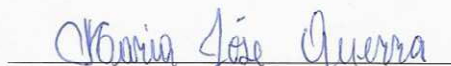
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Pedagogia da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento às exigências  
para obtenção do grau de Licenciada em  
Pedagogia.


Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 09 de dezembro de 2016

BANCA EXAMINADORA

  
Profª. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro - UEPB  
Orientadora

  
Profª. Dra. Maria José Guerra - UEPB  
Examinadora

  
Profª. Dra. Valdecy Margarida da Silva - UEPB  
Examinadora



## **COMPETÊNCIA LEITORA: O que deve fazer a escola para formar leitores competentes?**

**\*Rosinete Sales Gomes Confessor**

**Resumo:** Os índices sobre a competência leitora dos estudantes brasileiros, geralmente, são preocupantes. Há anos nos deparamos com resultados inquietantes, os quais nos levam a perguntar: Por que a escola não está, de fato, cumprindo seu papel essencial, que seria formar pessoas capazes de ler e compreender o mundo à sua volta? Onde estamos fracassando? Existe um culpado? O que a instituição escolar pode fazer a respeito? Que estratégias os professores devem utilizar para que os alunos alcancem a competência leitora? Especialistas na área de linguagem, e outros seguimentos da educação, tem se interessado pelo fenômeno do fracasso em competência leitora e muitos estudos tem sido desenvolvidos a respeito do assunto, visando preencher lacunas que, de certa forma, estão voltadas à formação do professor, tanto em sua formação inicial, como em sua formação continuada. O presente artigo se centra numa pesquisa de caráter bibliográfico, como procedimento metodológico adota-se a revisão de obras que discutem a temática abordada. Neste artigo, nos apoiamos nos estudos de Koch e Elias (2015), Solé (1998); Rojo (2009) e Antunes (2003; 2012). Nessa perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo refletir se a escola está, de fato, cumprindo com o seu papel, no que concerne à competência leitora dos alunos. Assim como refletir sobre as estratégias utilizadas pela escola que contribui para o fracasso dos alunos. Também visa desconstruir a ideia de culpabilização do aluno pelo desempenho insuficiente em compreensão leitora. O artigo está organizado da seguinte forma: na primeira parte, são apresentados os conceitos de leitura, letramento, analfabetismo funcional e compreensão textual. Na segunda parte do artigo, apresentamos os fatores importantes para que o aluno seja capaz de interpretar o que ler de forma competente. No terceiro momento, apresentamos as estratégias que podem ser utilizadas pelo professor e mediadas para que a competência em leitura e interpretação textual, de fato, ocorram. Concluímos com este trabalho que, o papel do professor como mediador na construção da competência leitora é de grande importância.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitor competente. Estratégias de leitura. Leitura e compreensão. Interpretação textual.

### **1 INTRODUÇÃO**

A importância da leitura é incontestável, uma vez que abre caminhos para a aquisição do conhecimento, através da análise interpretativa, que cobra do leitor a visão perceptível para lidar com os textos e linguagens postas em suas experiências vivenciais. Metodologias e projetos pedagógicos atrativos e projetos pedagógicos atrativos e dinâmicos provenientes dos docentes interessados nesta vertente de estudo, juntamente com a colaboração e desempenho dos discentes amenizam a crise da leitura e da interpretação textual, pois a interação e o compromisso são pontos cruciais à mudança desse quadro.

Portanto, este trabalho é de grande importância, uma vez que, a competência leitora é

um requisito básico e muito importante para que possamos interagir de maneira eficiente na sociedade letrada. Neste artigo, nos apoiamos nos estudos de Koch e Elias (2015), Solé (1998); Rojo (2009) e Antunes (2003; 2012).

O presente trabalho utilizou uma revisão de obras bibliográficas relacionadas ao tema estudado, já que a pesquisa é do tipo qualitativa e a metodologia utilizada, partiu da observação de anos de prática em sala de aula do ensino fundamental, onde se presenciava ações que pouco favoreciam o desenvolvimento da competência leitora nos alunos e muito se ouvia sobre queixas do porquê do fracasso dos mesmos. A culpabilização do aluno sempre foi à saída para a maioria das escolas sobre o fracasso em questão. Outro fator que nos levou a desenvolver interesse pelo tema foi o contato com os resultados de avaliações nacionais e internacionais sobre a competência leitora do aluno brasileiro. Sendo a leitura uma atividade de grande importância para viver a cidadania plena, os resultados negativos nos mostram que alguma coisa não vai bem às instituições escolares brasileiras, uma vez que, nosso aluno passa doze anos em sala de aula com carga horária, muitas vezes, maior do que outros países que se destacam, positivamente, nas mesmas avaliações e nossos resultados, anos após anos, são inferiores.

Procuramos, através deste trabalho, apresentar definições para termos referentes ao assunto, bem como apresentar elementos essenciais para desenvolver a competência leitora e por fim, oferecer estratégias eficientes para que o professor possa realizar um trabalho de mediação em competência leitora onde o aluno possa de fato, compreender e interpretar de maneira eficiente, o que lê.

O artigo, também, tem como objetivo levar o professor a refletir como estão sendo ministradas suas aulas de Língua Portuguesa e demais disciplinas, uma vez que o desenvolvimento de competência leitora se dá, em todas as disciplinas do currículo escolar em todos os momentos de vivência dentro e fora da escola.

O artigo está organizado da seguinte forma: na primeira parte, são apresentados os conceitos de leitura, letramento, analfabetismo funcional e compreensão textual. Na segunda parte do artigo, apresentamos os fatores importantes para que o aluno seja capaz de interpretar o que ler de forma competente. No terceiro momento, apresentamos as estratégias que podem ser utilizadas pelo professor e mediada.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

Há poucas décadas atrás, apenas um recorte pequeno da sociedade tinha acesso à educação escolar e aos livros. Isso era privilégio de poucos, mais precisamente, da classe favorecida. Quando surge a obrigatoriedade do acesso à escola, surge um impasse porque as famílias destas crianças estavam excluídas desse processo de desfrute de uma cultura mais reconhecida, mais privilegiada, mais letrada, mais oficial. E sequer, reconheciam a sua própria cultura. Então, foi transferida para escola essa tarefa de fazer essa iniciação ao mundo letrado escolar. A escola, que antes atendia um número limitado, não deu conta da quantidade crescente que passou a adentrar a instituição educacional. O ensino se tornou pouco significativo para essa classe que foi inserida no ambiente escolar porque as práticas de letramento que conheciam em seu entorno, não era, e ainda não é, levada em consideração dentro do ambiente escolar. Nesse sentido, muitos alunos “fracassavam” e desistiam da escola. Infelizmente, essa prática, ainda, está muito presente em nossa sociedade.

Em troca do acesso à classe menos favorecida à escola, a qualidade do ensino teria que sofrer mudanças, lamentavelmente, mudanças que prejudicariam o acesso, adequado, ao conhecimento desta nova classe que adentra à escola. A partir deste período, para classe média e alta, restava o ensino nas escolas particulares de ensino. Como Jorge Nagle denuncia em seu livro *Educação na Nova República* (2001), seria perigoso demais oferecer educação de qualidade às classes menos favorecidas. Ensinar a ler de maneira competente, então, colocaria em risco às mordomias da classe alta. Então, a escola passa a oferecer um ensino voltado a instrução, e não, a formação ideal.

Então, na escola, tradicionalmente, a concepção de leitura que norteava o ensino de Língua Portuguesa era o de decodificação. Um exemplo era a leitura de textos cartilhados que traziam textos que sequer existe fora do espaço escolar. Material artificial e muito limitante. Não levava o aluno a pensar, a refletir sobre seu entorno. Não oferecia leituras de textos e materiais diversos usados na sociedade. Era distante da realidade do aluno. Também não podemos esquecer que as práticas de leitura na escola, tinha uma finalidade: mostrar a professora que sabia ler. Outra finalidade que a escola dava e, ainda dá, é o exercício de extrair informações do próprio texto. Estas eram, e ainda são, as práticas mais correntes. Então, não podemos, não devemos, pois, adiar a compreensão de que a participação efetiva da pessoa na sociedade acontece, também e muito especialmente, pela voz, pela comunicação, pela atuação e interação verbal, pela linguagem, enfim.

Porém, a partir da década de 80, o discurso oficial e o discurso acadêmico, começaram

a priorizar a concepção interacionista de língua e de leitura. Isso trouxe implicações para o ensino de leitura, ou seja, as diferentes práticas de leitura devem ser trazidas para a escola. Junto com a chegada de textos de circulação social, se faz de grande importância, também, o trabalho com a intertextualidade, que seria o diálogo entre os textos.

Então, levar em consideração o que esse aluno traz de conhecimento sobre letramento e realizar um trabalho através de estratégias como será apresentado adiante, em todas as disciplinas, não só nas aulas de Língua Portuguesa, se faz necessário e urgente.

Neste momento, surgiu um grande desafio para os educadores: Como trabalhar na escola com textos que circulam em outras esferas? As práticas sociais de leitura que ocorrem fora do espaço escolar começaram a fazer parte do currículo da escola. Embora, sabemos que a cultura da classe menos favorecida continua não tendo, o espaço que deveria na escola. Porém, como diz ROJO (2009, p.12. ):

[...] Cabe à escola potencializar o diálogo multicultural trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa para torna-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica.

Porém, embora muito tem sido feito em relação à discussões de especialistas na área, vemos anos após anos, os resultados de testes em proficiência leitora, nos apresentar resultados negativamente alarmantes. Os índices têm mostrado como as pesquisas do IDEB, PISA, PROVINHA BRASIL, os problemas de leitura dos nossos alunos. Isso mostra que não basta ser alfabetizado, e sim, ser letrado. O acesso à escola vem se concretizando, mas não basta está na escola, é preciso que este aluno tenha acesso à educação de qualidade. Saber ler, de fato, para participar ativamente da vida em sociedade, seja dentro da realidade onde vive, ou em outras esferas onde o saber formal é mais valorizado. Esse aluno precisa ser mediado para entender o que ler, discutir o que ler, saber a intenção do autor.

Pode-se afirmar que mesmo com a mudança de concepção sobre leitura, a escola, a mais importante agencia de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas com processo de aquisição de códigos. Saber ler, para escola brasileira, pelo menos as práticas pedagógicas e os resultados mostram isso, ainda é, apenas decodificar os sinais gráficos e isso o aluno aprende e a partir daí, não precisa ser mais mediado. Apenas entrar em contato com outras leituras e responder questões superficiais sobre o que o texto traz de explícito. Isso, na maioria das vezes, feito pelo aluno sem mediação e sem orientações de estratégias de leitura. É como se o aluno, ao saber “ler “ (decodificar os sinais gráficos) automaticamente fosse capaz, ou tivesse a obrigação, de compreender o que está lendo.

## 2.1 Alfabetização e letramento

Os estudos acerca da psicogênese da língua escrita, também neste período, trouxeram aos educadores o entendimento de que a alfabetização, longe de ser a apropriação de um código, envolve um complexo processo de elaboração de hipóteses sobre a representação linguística; os anos que se seguiram, com a emergência dos estudos sobre o letramento, foram igualmente férteis na compreensão da dimensão sociocultural da língua escrita e de seu aprendizado. Em estreita sintonia, ambos os movimentos, nas suas vertentes teórico-conceituais, romperam definitivamente com a segregação dicotômica entre o sujeito que aprende e o professor que ensina. Romperam também com o reducionismo que delimitava a sala de aula como o único espaço de aprendizagem.

Hoje, tão importante quanto conhecer o funcionamento do sistema de escrita é poder se engajar em práticas sociais letradas, respondendo aos inevitáveis apelos de uma cultura grafocêntrica. **Assim**, enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de escrita de uma sociedade.

Com a mesma preocupação em diferenciar as práticas escolares de ensino da língua escrita e a dimensão social das várias manifestações escritas em cada comunidade, Kleiman, apoiada nos estudos de Scribner e Cole, define o letramento como

Um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos. As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita. (1995, p. 19)

Mais do que expor a oposição entre os conceitos de “alfabetização” e “letramento”, Soares valoriza o impacto qualitativo que este conjunto de práticas sociais representa para o sujeito, extrapolando a dimensão técnica e instrumental do puro domínio do sistema de escrita:

Alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte e ciência da escrita. Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se Letramento que implica habilidades várias, tais como:

capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos (In Ribeiro, 2003, p. 91).

Ao permitir que o sujeito interprete, divirta-se, seduza, sistematize, confronte, induza, documente, informe, oriente-se, reivindique, e garanta a sua memória, o efetivo uso da escrita garante-lhe uma condição diferenciada na sua relação com o mundo, um estado não necessariamente conquistado por aquele que apenas domina o código (Soares, 1998). Por isso, aprender a ler e a escrever implica não apenas o conhecimento das letras e do modo de decodificá-las (ou de associá-las), mas a possibilidade de usar esse conhecimento em benefício de formas de expressão e comunicação, possíveis, reconhecidas, necessárias e legítimas em um determinado contexto cultural. Em função disso,

Talvez a diretriz pedagógica mais importante no trabalho (dos professores), tanto na pré-escola quanto no ensino médio, seja a utilização da escrita verdadeira [...] nas diversas atividades pedagógicas, isto é, a utilização da escrita, em sala, correspondendo às formas pelas quais ela é utilizada verdadeiramente nas práticas sociais. Nesta perspectiva, assume-se que o ponto de partida e de chegada do processo de alfabetização escolar é o texto: trecho falado ou escrito, caracterizado pela unidade de sentido que se estabelece numa determinada situação discursiva. (Leite, p. 25)

A habilidade que se deve ter de leitura não é somente traduzir sílabas ou palavras (signos linguísticos), em sons, isoladamente (a decodificação), é muito mais que isso, a boa leitura deve passar pelas seguintes etapas: 1º Decodificar; 2º Compreender; 3º Interpretar, e 4º Reter.

### **2.1.1 Decodificação**

Segundo Menegassi (1995, p. 87)

Na decodificação, há a ligação entre o reconhecimento do material linguístico com o significado que ele fornece. No entanto, ‘muitas vezes a decodificação não ultrapassa um nível primário de simples identificação visual’, pois se relaciona a uma decodificação fonológica, mas não atinge o nível do significado pretendido. Segundo Ângela Kleiman (1993 apud MENEGASSI; CALCIOLARI, 2002, p. 82), "as práticas de leitura como decodificação não modificam em nada a visão de mundo do leitor, pois se trata apenas de automatismos de identificação e pareamento das palavras do texto com as palavras idênticas em uma pergunta ou comentário”.

### **2.1.2 A compreensão**

Após passar pela etapa da decodificação, o aluno deve captar o sentido do texto lido. Deve saber do que se trata o texto, qual a tipologia usada, compreender o que o autor pretendeu passar e ser capaz de resumir em duas ou três frases a essência do texto.

Nas questões referentes à essa etapa, as respostas podem ser encontradas literalmente no próprio texto, ou escritas de outra forma, porém estão explícitas no texto.

Para Leffa (apud MENEGASSI; CALCIOLARI, 2002, p. 85), “ler é interagir com o texto, considerando-se o papel do leitor, o papel do texto e a interação entre leitor e texto”.

A respeito disso, Menegassi; Calciolari (2002, p.54) complementa que “nesse caso, a compreensão só ocorre se houver afinidade entre o leitor e o texto; se houver uma intenção de ler, a fim de atingir um determinado objetivo”.

### **2.1.3 A interpretação**

Na terceira etapa da leitura, o aluno deve interpretar uma sequência de ideias ou acontecimentos que estão implícitas no texto.

O aluno não encontrará facilmente as respostas no texto se não o compreendeu, pois apenas com uma boa compreensão o aluno conseguirá interpretar sentidos do texto que não estão escritos literalmente.

O educador e escritor Rubem Alves nos diz que:

Na vida estamos envolvidos o tempo todo em interpretar. Um amigo diz uma coisa que a gente não entende. A gente diz logo: "O que é que você quer dizer com isso?". Aí ele diz de uma outra forma, e a gente entende. E a interpretação, todo mundo sabe disso, é aquilo que se deve fazer com os textos que se lê. Para que sejam compreendidos. Razão por que os materiais escolares estão cheios de testes de compreensão. Interpretar é compreender. (ALVES, 2004).

Quando o professor lê um texto com os alunos e faz a seguinte pergunta: “o que o autor quis dizer com isso?”, está fazendo o início de uma interpretação, porém o aluno terá primeiro que conhecer o texto e compreendê-lo, assim terá condições suficientes para fazer uma boa interpretação.

#### **2.1.4 A retenção**

Nessa última etapa, o aluno deve ser capaz de reter as informações trabalhadas nas etapas anteriores e aplicá-las: fazendo analogias, comparações, reconhecendo o sentido de linguagens figuradas ou subtendidas, e o principal, aplicar em outros contextos refletindo sobre a importância do que foi lido fazendo um paralelo com seu cotidiano, aprendendo com isso, a fazer suas próprias análises críticas.

A última etapa no processo de leitura (...) é a retenção, que diz respeito ao armazenamento das informações mais importantes na memória de longo prazo. Essa etapa pode concretizar-se em dois níveis: após a compreensão do texto, com o armazenamento da sua temática e de seus tópicos principais; ou após a interpretação, em um nível mais elaborado. (MENEGASSI, apud MENEGASSI; CALCIOLARI, 2002 p. 83). ONDE ESTÃO AS ASPAS?

Apesar de toda essa preocupação com as habilidades de leitura, na escola, ela deve ser uma aprendizagem e não uma técnica resultante de uma mecanização ou receita a ser seguida. Deve ser uma ação do aluno refletindo, levantando hipóteses e se interagindo sobre o objeto de conhecimento. Certos “tabus” instituídos pelo poder dominante do professor, que define leituras como próprias ou impróprias, devem ser extintos da sala de aula. E para que esses “tabus” sejam extintos é preciso lembrar que “um primeiro princípio para a construção de uma nova pedagogia da leitura diz respeito ao conhecimento, pelo professor, das circunstâncias de vida dos alunos e à recuperação, como ponto de partida, das suas experiências vividas” (SILVA, 1998, p. 26).

O que o professor deve fazer é conhecer seus alunos no que diz respeito ao seu estilo de vida, culturas e ideologias; e tomar como ponto de partida as várias experiências vividas pelos alunos. Essa é a base de uma preparação da aprendizagem de leitura, não se esquecendo de valorizar as opiniões e gostos desses alunos.

A maneira como a escola conduz o aluno à leitura, através do bê-á-bá, pode acarretar sérios problemas para a formação do leitor. O reconhecimento das famílias silábicas, como das letras, faz parte do processo de decifração e não da leitura, como comumente se pensa.

A leitura, na escola, não tem servido para aprender a ler, e sim, para aprender outras coisas, serve para treinar a pronúncia dos alunos na língua materna e para ensinar gramática; tornando-se uma atividade secundária com apenas alguns poucos minutos de dedicação.

As práticas escolares em leitura têm, na maioria das vezes, como objetivo sanar os problemas de escrita, considerados mais importantes, possuindo a concepção de que "a melhor coisa que a escola poderia oferecer aos alunos é a leitura (...) se um aluno não se sair



bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, a escola já cumpriu grande parte de sua tarefa". (CAGLIARI, 1996, p.123. )

Alunos e professores estão acostumados a usarem a leitura para vários fins, menos para o que, realmente, ela serve que é viver a cidadania plena.

Os alunos leem para depois “copiar” o que uma personagem disse, ou o que o autor disse; leem para procurar “erros” de ortografia ou para observar no texto o que eles aprenderam nas aulas de gramática, ou leem para responder à uma chamada oral do professor, para poder provar que leu o que ele pediu.

Mas esse não é o objetivo dos livros, a leitura serve para formar leitores pensantes e críticos que saibam resolver problemas novos e jamais vividos. Não basta copiar o que o autor disse, tem que formular suas próprias ideias para defender ou criticar o autor, ou aplicar o novo conhecimento ao seu cotidiano.

## **2.2. O QUE É LER?**

A primeira coisa que devemos perguntar é: Leitor e leitura para que? Para reprodução ingênua desta sociedade ou para o enfrentamento de suas contradições e seus desafios? A partir da concepção que temos de leitura é que nosso trabalho pode se direcionar por uma linha ideológica ou por outra. Acreditamos que a leitura deve ser trabalhada como prática libertadora, política, dialógica e que favoreça, conseqüentemente, o pleno exercício da cidadania. Portanto, trabalharemos com estratégias de leitura tendo como objetivo pensar o texto de maneira mais profunda, menos artificial, mais interativa e crítica.

Para Foucault, há provavelmente muitas maneiras de se ler, mas uma delas representa, enfim, a maneira geral que permite todos os “modos de ser leitor”. Daí que tornar-se leitor, implica adquirir consciência de si e do mundo, significa tornar-se sujeito de suas ações, responsável pelo seu próprio destino. Tornar-se leitor, nessa perspectiva, é ser capaz de articular a “palavra-mundo” proposta por Freire em O ato de ler . Rejeitar a passividade imposta aos (tele) espectadores pelas máquinas hipnóticas de produção de consenso e articular a rebeldia. Tornar-se leitor é, sobretudo, um imenso e permanente desafio.

Segundo KOCH (2002) a concepção de leitura muda de acordo com o foco dado ao texto:

### **Foco no autor**

A leitura, assim, é entendida como a atividade de captação das ideias do autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos sociocognitivo-interacionalmente. O foco de atenção é, pois, o autor e suas inquietações, e o sentido está centrado no autor., bastando tão somente ao leitor captar essas intenções.

### **Foco no texto**

Neste caso, a leitura é uma atividade que exige do leitor o foco no texto, em sua linearidade, uma vez que “tudo está dito no dito”. Se na concepção anterior ao leitor cabia o reconhecimento das intenções do autor, nesta concepção, cabe-lhe o reconhecimento do sentido das palavras e estrutura do texto. Em ambas, porém, o leitor é caracterizado por realizar uma atividade de reconhecimento, de reprodução.

### **Foco na interação autor-texto-leitor**

Diferentemente das concepções anteriores, na concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são vistos como atores / construtores sociais, sujeitos ativos que, dialogicamente, se constroem e são construídos no texto, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores. Desse modo, há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos. Dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação.

Nessa concepção, o sentido de um texto é construído na interação texto- sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Portanto, é na interação com o texto que o leitor constrói o sentido, considerando não só as informações explicitamente construídas, como também o que é implicitamente sugerido numa cara demonstração de que:

- A leitura é uma atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor;
- A leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é simples produto da decodificação de um

emissor a ser decodificado por um receptor passivo.

Fundamentando-se, em uma concepção sociocognitiva-interacionista de língua que privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processo de interação. O lugar mesmo da interação, é o texto cujo sentido “não está lá”, mas é construído, considerando as sinalizações textuais dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor, que durante todo o processo deve assumir uma postura ativa. Em outras palavras, espera-se que o leitor, concorde ou não com as ideias do autor, complete-as, adapte-as etc.

Sobre o assunto, merece destaque o trecho a seguir sobre leitura, extraído dos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação de texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias, de seleção, antecipação, inferência, e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido., permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

KOCH (2002) afirma que, para o processamento textual, recorreremos a três grandes sistemas de conhecimento:

- Conhecimento linguístico;
- Conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo;
- Conhecimento interacional.

**Conhecimento linguístico** abrange o conhecimento gramatical e lexical.

**Conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo** refere-se a conhecimentos gerais sobre o mundo. Vivências pessoais.

**Conhecimento interacional** refere-se às formas de interação por meio da linguagem e engloba os conhecimentos:

a) Ilocucional: permite-nos compreender os objetivos ou propósitos pretendidos pelo produtor do texto, em cada situação interacional.

b) Comunicacional quantidade de informação necessária, numa situação comunicativa concreta, para que o parceiro seja capaz de construir o objetivo da produção textual. Seleção da variante linguística adequada a cada situação de interação e adequação do gênero textual a situação comunicativa.

c) Metacomunicativo permite ao locutor assegurar a compreensão do texto e conseguir aceitação pelo parceiro dos objetivos com que é produzido.

d) Superestrutural: (DESCREVER)

Sobre o assunto, Solé (1998) diz que é fundamental que ao ler, o leitor se proponha a alcançar determinados para determinar tanto as estratégias responsáveis pela compreensão, quanto o controle que, de forma inconsciente, vai exercendo sobre ela, à medida que lê. O controle da compreensão é um requisito essencial para ler de forma eficaz.

Para que o leitor se envolva na atividade leitura é necessário que esta seja significativa. É necessário que sinta que é capaz de ler e de compreender o texto que tem em mãos. Só será motivadora, se o conteúdo estiver ligado aos interesses do leitor e, naturalmente, se a tarefa em si corresponde a um objetivo.

Como isso pode ser transferido para a sala de aula: sabe-se que na diversidade da classe torna-se muito difícil contentar o interesse de todas as crianças com relação à leitura, portanto, é papel do professor criar o interesse.

Uma forma possível de propiciar esse interesse é possibilitar o a diferentes suportes para a leitura, que sejam e incentivem atitudes de interesse e cuidado nos leitores.

Ao professor cabe o cuidado de analisar o conteúdo que veiculam.

A autora, ainda, afirma que devemos questionar a crença de que, quando uma criança aprende a ler, já pode ler de tudo e também pode ler para aprender. Se a ensinarmos a ler compreensivamente e a aprender a partir da leitura, estamos fazendo com que aprenda a aprender.

Para isso é fundamental trazer para a sala de aula, como ponto de partida, os conhecimentos que as crianças já possuem e a partir de suas ideias, ampliar suas significações.

A leitura e a escrita são procedimentos e devem ser trabalhados como tal em sala de aula. Um aspecto importante que precisa ser garantido é o acesso a diferentes materiais escritos para as crianças: jornais, revistas, gibis, livros, rimas, poemas, HQ, e gêneros diversos, e que envolva todas as disciplinas do conhecimento e também envolva as diversas práticas de letramentos tanto as mais valorizadas quanto a menos valorizadas no espaço escolar e que vem sendo marginalizadas. Que as diversas linguagens adentrem os muros da escola e faça parte das aulas destas instituições.

Já tratamos anteriormente que os procedimentos precisam ser ensinados. Se estratégias de leitura são procedimentos, então é preciso ensinar estratégias para a compreensão dos textos: não como técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas, mas como

estratégias de compreensão leitora que envolvem a presença de objetivos, planejamento das ações, e sua avaliação.

Estas estratégias são as responsáveis pela construção de uma interpretação para o texto. E uma construção feita de forma autônoma.

### **Estratégias de leitura**

São aquelas que permitem ao aluno planejar sua tarefa de modo geral. Perguntas que o leitor deve se fazer para compreender o texto:

- Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura. Que/Por que/Para que tenho que ler?
- Ativar e aportar à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão. Que sei sobre o conteúdo do texto?
- Dirigir a atenção ao fundamental, em detrimento do que pode parecer mais trivial.
- Avaliar a consistência interna do conteúdo expressado pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o “sentido comum”. Este texto tem sentido?
- Comprovar continuamente se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a auto-interrogação. Qual é a ideia fundamental que extraio daqui.
- Elaborar e provar inferências de diversos tipos, como interpretações, hipóteses e previsões e conclusões. Qual poderá ser o final deste romance?

Um conjunto de propostas para o ensino de estratégias de compreensão leitora pode ser considerado segundo BAUMANN (1985;1990) nos processos:

**Introdução.** Explicam-se aos alunos os objetivos daquilo que será trabalhado e a forma em que eles serão úteis para a leitura.

Exemplo. Exemplifica-se a estratégia a ser trabalhada mediante um texto.

**Ensino Direto.** O professor mostra, explica e escreve a habilidade em questão, dirigindo a atividade.

**Aplicação dirigida pelo professor.** Os alunos devem por em prática a habilidade aprendida sob o controle e supervisão do professor.

**Prática individual.** O aluno deve utilizar independentemente a habilidade com material novo.

Solé (1998), por sua vez, aborda diferentes formas de trabalhar com o ensino da leitura e promove a utilização de estratégias que levem os alunos a interpretar e compreender de forma autônoma os textos lidos, mas deixa claro em seus escritos que o ato de ler é um processo complexo. Dentro de uma concepção construtivista de aprendizagem a autora sinaliza as ações importantes, antes durante e após a leitura, que o mediador deve usar para que o aluno consiga se tornar um leitor competente, como veremos a seguir.

- **Antes da leitura**

Apresentam-se aqui cinco passos importantes, que SOLÉ sugere para a compreensão, que devem ser seguidos antes da leitura propriamente dita:

### **1. Ideias Gerais**

São algumas ideias que o professor tem sobre a leitura: Ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. Ler é um instrumento de aprendizagem, informação e deleite. A leitura não deve ser considerada uma atividade competitiva. Quem não sente prazer pela leitura não conseguirá transmiti-lo aos demais. A leitura para as crianças tem que ter uma finalidade que elas possam compreender e partilhar. A complexidade da leitura e a capacidade que as crianças têm para enfrentá-la.

### **2. Motivação para a leitura**

Toda atividade deve ter como ponto de partida a motivação das crianças: devem ser significativas, motivantes, e a criança deve se sentir capaz de fazê-la.

### **3. Objetivos da leitura**

Os objetivos dos leitores, ou propósitos, com relação a um texto podem ser muito variados, de acordo com as situações e momentos. Vamos destacar alguns dos objetivos da leitura, que podem e devem ser trabalhados em sala de aula: Ler para obter uma informação

precisa; ler para seguir instruções; ler para obter uma informação de caráter geral; ler para aprender; ler para revisar um escrito próprio; ler por prazer; ler para comunicar um texto a um auditório; ler para praticar a leitura em voz alta; e ler para verificar o que se compreendeu.

Revisão e atualização do conhecimento prévio

Para compreender o que se está lendo é preciso ter conhecimentos sobre o assunto. Mas algumas coisas podem ser feitas para ajudar as crianças a utilizar o conhecimento prévio que têm sobre o assunto, como dar alguma explicação geral sobre o que será lido; ajudar os alunos a prestar atenção a determinados aspectos do texto, que podem ativar seu conhecimento prévio ou apresentar um tema que não conheciam.

#### **4. Estabelecimento de previsões sobre o texto**

É importante ajudar as crianças a utilizar simultaneamente diversos indicadores: como títulos, ilustrações, o que se pode conhecer sobre o autor, cenário, personagem, ilustrações, etc. para a compreensão do texto como um todo.

#### **5. Formulação de perguntas sobre ele**

Requerer perguntas sobre o texto é uma estratégia que pode ser utilizada para ajudar na compreensão de narrações ensinando as crianças para as quais elas são lidas a centrar sua atenção nas questões fundamentais.

- **Durante a leitura**

O processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda os diversos textos que se propõe a ler. É um processo interno, porém deve ser ensinado uma primeira condição para aprender é que os alunos possam ver e entender como o professor faz para elaborar uma interpretação de texto: quais as suas expectativas, que perguntas formula, que dúvidas surgem, como chega à conclusão do que é fundamental para os objetivos do que o guiam, que elementos tomam ou não do texto, o que aprendeu eu que ainda tem que aprender, enfim, os alunos precisam assistir a um processo/modelo de leitura, que lhes permita ver as estratégias em ação em uma situação significativa e funcional.

Para a compreensão do texto uma das capacidades envolvidas é a elaboração de um resumo, que reproduz o significado global de forma sucinta.

Para isso, deve-se ter a competência de diferenciar o que constitui o essencial do texto e o que pode ser considerado como secundário.

**Leitura compartilhada:** O professor pode utilizar em sala de aula a estratégia da leitura compartilhada, aonde o leitor vai assumindo progressivamente a responsabilidade e o controle do seu processo é uma forma eficaz para que os alunos compreendam as estratégias apontadas, bem como, a leitura independente, onde podem utilizar as estratégias que estão aprendendo.

**A leitura independente:** Quando os alunos leem sozinhos, em classe, na biblioteca ou em sua casa, tanto com o objetivo de ler por prazer, como para realizar alguma tarefa para qual é preciso ler, devem poder utilizar as estratégias que estão aprendendo.

Além de proporcionar a leitura independente pelo prazer de ler, a escola pode se propor o objetivo de promover o uso de determinadas estratégias em tarefas de leitura individual. Neste caso, pode-se proporcionar ao aluno materiais preparados para que ele pratique por sua conta algumas estratégias que já foram trabalhadas em sala de diversas formas, compartilhadas coletivamente, em dupla etc.

**Os erros e as lacunas de compreensão:** Para ler eficazmente, precisamos saber quais as nossas dificuldades. Podem ser: a compreensão de palavras, frases, nas relações que se estabelecem entre as frases e no texto em seus aspectos mais globais.

Para isso devemos ter estratégias como o uso do dicionário ou a continuação da leitura que pode sanar alguma dúvida.

O aluno só deverá interromper a leitura para sanar dúvidas, se realmente for necessário para seguir o processo de compreensão. Pois, quando a leitura é interrompida, o leitor se desliga, perde o ritmo e precisa se ligar novamente. É preciso ensinar diversas estratégias e ensinar também que aquelas que cortam a leitura só podem ser realizadas em caso de real necessidade. Até porque, geralmente, quando a leitura é continuada, sem pausas, o próprio contexto se encarrega de nos ajudar a compreender o que ficou para trás.

Quando nenhuma destas estratégias dá resultado, e o leitor avalia que o fragmento ou elemento problemático é crucial para sua compreensão, então tem que recorrer a uma fonte especializada (o professor, um colega, o dicionário) que lhe permita eliminar a dúvida.

Portanto, para ensinar estratégias que podem ser adotadas ante as lacunas de compreensão, não se deve fazer muito mais que o imprescindível para a compreensão do texto: discutir com os alunos os objetivos da leitura; trabalhar com materiais de dificuldade moderada que representam desafios, mas não tarefas pesadas para o aluno.; proporcionar e ajudar a ativar os conhecimentos prévios; ensina-lhes a inferir, fazer conjunturas, se arriscar



e a buscar verificação para as hipóteses; explicar às crianças o que podem fazer quando se deparam com problemas no texto. Devemos sempre proporcionar ao aluno situações significativas.

- **Depois da leitura: continuar compreendendo e aprendendo...**

A compreensão do texto resulta da combinação entre os objetivos de leitura que guiam o leitor, entre os seus conhecimentos prévios e a informação que o autor queria transmitir mediante seus escritos.

Para que os alunos compreendam a ideia principal do texto, o professor pode explicar aos alunos o que consiste em a “ideia principal”, recordar porque vão ler concretamente o texto - função real, ressaltar o tema, à medida que vão lendo informar aos alunos o que é considerado mais importante, para que, finalmente concluam se a ideia principal é um produto de uma elaboração pessoal.

Neste tópico trataremos de

- Identificação as ideias principal
- Elaboração de resumo
- Formulação e resposta de perguntas

**A ideia principal:** Saber reconhecer a ideia principal de um texto não se aprende de uma hora para outra. A ideia principal resulta da combinação entre os seus conhecimentos prévios e a informação que o autor queria transmitir mediante seus escritos. Entendida deste modo, a ideia principal seja essencial para que o leitor pudesse aprender a partir de sua leitura e para que pudesse realizar atividades associadas a ela, como tomar notas ou elaborar um resumo. SOLÉ (1998) chama atenção sobre a necessidade de o educador ensinar a identificar ou a gerar a ideia principal de um texto em função dos objetivos de leitura perseguidos. A autora ainda diz:

Quando um professor pede aos alunos que digam o mais importante de um certo capítulo, o que o autor quis transmitir, ou quando esta recomendação aparece nos guias didáticos, é fundamental entender que não estamos ensinando a encontrar a ideia principal. Nestes casos estamos verificando se o aluno pôde ou não a encontrar, em um ato que substitui o ensino pela avaliação, o que é bastante frequente na instrução de leitura.

Neste caso, porque a escola não ensina compreensão leitora desta forma? Porque a

própria instituição não ensina, não é por não querer ensinar. A escola sabe muito pouco, apesar das diversas pesquisas efetuadas sobre o processo de leitura e seu ensino, e muitas vezes o que sabemos não pode ser extrapolado facilmente para os alunos. Mas sabemos que encontrar a ideia principal é uma condição para que os alunos possam aprender a partir dos textos, para que possam realizar uma leitura crítica e autônoma, e isso deveria ser ensinado.

### **O resumo ( Aprender a resumir para compreender o texto )**

Utilizar essa estratégia pode ser uma boa escolha para estabelecer o tema de um texto, para gerar ou identificar sua ideia principal e seus detalhes secundários.

É importante, também, que os alunos aprendam porque precisam resumir, e como fazê-lo, assistindo resumos efetuados pelo seu professor, resumindo conjuntamente, passando a utilizar essa estratégia de forma autônoma. COOPER (1990), afirma que para ensinar a resumir parágrafos de texto é importante que o professor: ensine a encontrar o tema do parágrafo e a identificar a informação trivial para deixá-la de lado. Ensine a deixar de lado a informação repetida. Ensine a determinar como se agrupam as ideias no parágrafo para encontrar formas de englobá-las. Ensine a identificar uma frase-resumo do parágrafo ou a elaborá-la.

### **Formulação e resposta de perguntas**

Esta estratégia é muito utilizada nas salas de aula, de forma oral e escrita, depois da leitura de um texto, e geralmente também aparece nos guias didáticos e nos materiais de trabalho dos alunos. Embora apareça como atividade de ensino, geralmente é usada apenas para avaliar, para checar o que os alunos compreenderam ou recordam de um determinado texto.

Ensinar a formular e responder perguntas é essencial para uma leitura ativa. O leitor capaz de formular perguntas pertinentes, sobre o texto está mais capacitado para regular seu processo de leitura e, portanto, poderá torná-lo mais eficaz.

Para aprender a formular perguntas é preciso que o aluno tenha o professor como modelo para sua própria atuação. Uma pergunta pertinente é aquela que é coerente com o objetivo perseguido durante a leitura.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao nível das intenções todos nós desejamos formar leitores questionadores, capazes de

se situar no seu contexto social, e ao mesmo tempo, capazes de acionar processos de leitura, praticados e aprendidos na escola, no sentido de participar de uma conquista de uma convivência social mais feliz e menos injusta para todos. Em princípio, então, queremos promover e educar um leitor que não se adapte ou se ajuste inocentemente a realidade que aí está, mas que, pelas práticas de leitura, participe ativamente da transformação social, como tanto enfatizou FREIRE O ato de ler . Podemos concluir que a finalidade da leitura é essencial a uma nova construção de uma nova pedagogia da leitura. Essa questão é fundamentalmente política na medida em que o trabalho pedagógico é acionado para o cumprimento de determinados propósitos e interesses sociais. Assim, ao afirmar que queremos leitores conscientes, críticos e criativos, durante e após a sua trajetória acadêmica, estamos pressupondo que a consciência, a criticidade e a criatividade desses sujeitos-leitores vão ser constantemente dinamizadas nas diferentes práticas de leitura escolar, levando-os a se inserir na luta pela superação das contradições da vida social, especificamente, aquilo que a escola chama de “ espírito crítico” não deve ficar embotado dentro do indivíduo mas deve dirigir-se a compreensão profunda da razão de ser dos fatos sociais, grande reflexão, posicionamento e ação transformadora.

Portanto, nossa ação, nossas escolhas de estratégias são políticas e transformadoras. Mas que isso só poderá se efetivar se as aulas que ministramos se transformarem em espaços de valorização das diversas culturas e de diálogos e propostas que levem em consideração os diversos saberes. As escolhas das estratégias que serão utilizadas, irão resultar, ou não, num trabalho conscientizador e transformador.

Porém, vale lembrar que aqui nos referimos a ação dos educadores, e não, apenas do professor de Língua Portuguesa. Precisamos quebrar o ciclo do conformismo, do silenciamento e buscarmos, juntos, soluções para os dilemas da educação que nos aflige, evitando desta forma, que o educando pague um preço alto por deixarmos de cumprir nosso verdadeiro papel na escola que é formar pessoas que sejam capazes de ler, compreender o que está lendo e transformar o mundo á sua volta.

As estratégias de leitura apresentadas neste artigo visam, exatamente isso, desenvolver no aluno a competência leitora de forma que o professor se torne um mediador eficiente e onde a culpabilização do fracasso neste aspecto não seja relegado ao aluno, e sim, a quem de fato merece ser responsabilizado. Finalmente, que os cursos de formação de professores, tanto iniciais quanto continuadas, repensem suas práticas neste sentido também. Pois, se as aulas de Língua Portuguesa não forem capazes de estimular o aluno a falar, ler, escrever e ouvir para transformar, de que adiantaram?

**Abstract:** The indexes on a reading competence of Brazilian students are generally worrisome. There have been years of results with survey results, which lead us to ask: Why is a school not actually fulfilling its essential role, what would it be to train people who can read and the world around them? Where is the failure? Is there a culprit? What can you do? What are the teachers to use for students to achieve reading competence? Specialists in the area of language, and other follow-up of education, have been interested in a group of people with reading competence and many studies have been developed on the subject, aiming to fill gaps that, somehow, are aimed at teacher training , Both in his initial formation and in his continuing education. This article focuses on bibliographic research, as a methodological procedure adopted a review of works that discuss an issue addressed. This article, we rely on the studies of Koch and Elias (2015), Solé (1998); Red (2009) and Antunes (2003; 2012). In this perspective, the present work aims to reflect if a school is, in fact, fulfilling its role, not that they are interested in the reading competence of the students. As well as reflect on the strategies used in the school that contributes to the failure of the students. It also aims to deconstruct an idea of student blame for poor performance in reading comprehension. The article is organized as follows: in the first part, the concepts of reading, literacy, functional illiteracy and textual comprehension are presented. In the second part of the article, the concepts essential for the student to be able to interpret what they read competently. In the third moment, we present as strategies that can be used by the teacher and mediated so that a competence in reading and textual interpretation, in fact, occur. We conclude with this work that the role of the teacher as mediator in the construction of reader competence of great importance.

**KEY WORDS:** Competent reader. Reading strategies. Reading and understanding. Textual interpretation.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Milton José. Ensinar português. In: GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

ANTUNES, Celso. **Vygotsky, quem diria?!: em minha sala de aula**. Fascículo 12. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARROS, Mônica Garcia; TAMANINI, Juliano. Interpretações da leitura em livros didáticos. In: **CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários**. 3, 2007, Maringá. Anais: Maringá, 2009, p. 1858-1870.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 56. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GÓIS, Luciana Ribeiro dos Santos. **O ensino da leitura nas escolas de Ensino Fundamental II**. Brasília, 2012.

KILIAN, Carina; FLÔRES, Onici. **Leitura, interpretação e compreensão: uma visão pragmática**. Linguagens e cidadania, v. 14, n. 1, jan. 2016, p. 1-14. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/23795/14004>>

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LIMA, Elisandra; SANTOS, Samuel; MENEZES, Talita. **Leitura e interpretação textual: caminhos para a aquisição do conhecimento**. Tiradentes, 2009. Disponível em <<http://www.webartigos.com/artigos/leitura-e-interpretacao-textual/27730/>>

MEIRIEU, Philippe. **Aprender... sim, mas como?** 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental**. Secretaria de educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ROJO, Roxane. **Letramento múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SCHWARZBOLD, Caroline. **Desenvolver a competência leitora: desafio ao professor do ensino fundamental**. Pelotas: [], 2011. Disponível em <<http://wp.ufpel.edu.br/letras-pos/especializacao/files/2012/02/Desenvolver-a-compet%C3%Aancia-leitora-desafio-ao-professor.pdf>>

SILVA, Vitória Rodrigues e. **Estratégias de leitura e competência leitora: contribuições para a prática de ensino em História**. História. vol. 23, n. 1-2, França, 2004, pp. 69 – 83. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742004000200005>>

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A leitura no contexto escolar**. Série Ideias, n. 5, São Paulo: FDE, 1988, p. 63-70. Disponível em <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_05\\_p063-070\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_05_p063-070_c.pdf)>

SOLÉ, Isabel. **Estratégia de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.